MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O USO DE DROGAS ENTRE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Luana Novais Campos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0009-8241-4568
Endereço eletrônico: lnovais309@gmail.com

Carlos Augusto Sousa Dantas
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4791-6660
Endereço eletrônico: gutosdantass@gmail.com

Luci Mara Bertoni
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3100-1351
Endereço eletrônico: profaluci@uesb.edu.br

Palavras-chave: pessoas em situação de rua; uso de drogas; representações sociais; memória; revisão.

INTRODUÇÃO

O consumo de drogas entre pessoas que vivenciam a situação de rua apresenta diferentes significados, podendo ser uma consequência ou um fator de ingresso nessa situação, assim como de dupla estigmatização da condição vivenciada por esses sujeitos (Marques et al. 2022). A temática pode ser relacionada com os fenômenos da Memória e das Representações Sociais – RS. Nesse sentido, Denise Jodelet (2001) define as representações sociais como modos de conhecimento funcionais e consensuais que servem para a comunicação e para a elucidação do contexto social. Em relação ao uso de drogas por pessoas em situação de rua, as RS incidem na forma como a sociedade percebe e interage com esses indivíduos, e como eles próprios se veem. Nesse sentido, essas pessoas são taxadas como "vagabundo, preguiçoso, bêbado, sujo, perigoso, coitado, mendigo", representações que não

apenas justificam a exclusão, mas afetam a constituição de sua identidade pessoal (Mattos; Ferreira, 2004, p. 47). Paralelamente, Maurice Halbwachs (2006) argumenta que a memória é socialmente edificada, uma vez que os indivíduos se agrupam e se organizam em sociedade, estabelecendo laços de convivência e afinidades que possibilitam a construção de memórias compartilhadas, identidades coletivas e de uma memória social. A partir dessa perspectiva, torna-se possível compreender como a ruptura desses vínculos, frequentemente vivenciada pela PSR, pode impactar a formação e a manutenção de suas memórias e identidades.

Reconhecendo a relevância social e acadêmica da temática, torna-se importante compreender sua mobilização pela comunidade científica, mediante o levantamento e a sistematização das pesquisas já realizadas, o que permite a identificação dos principais enfoques e resultados apreendidos. Por esse prisma, o objetivo geral deste estudo é analisar como a produção científica brasileira tem abordado as memórias e representações sociais relacionadas ao uso de drogas realizado por pessoas em situação de rua.

METODOLOGIA

Realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa e caráter bibliográfico, com o objetivo de mapearmos e analisarmos a produção científica nacional sobre o tema. Empreendemos a coleta de dados na base Google Acadêmico, utilizando os seguintes descritores e operadores booleanos: “drogas” AND “memória” AND “representações sociais” AND “pessoas em situação de rua” AND “história” AND “ciências sociais”. Além de um recorte temporal (2015 a 2025), aplicamos critérios de inclusão: (i) produções acadêmicas publicadas no período; (ii) estudos realizados no Brasil; (iii) trabalhos de pesquisadores com titulação mínima de mestre ou doutor; (iv) estudos que abordassem de forma explícita a temática; (v) com texto completo disponível. A partir da análise, selecionamos 41 estudos que compuseram o *corpus* da pesquisa. A leitura dos trabalhos nos permitiu identificar e agrupar os estudos em 3 categorias temáticas recorrentes nas produções acadêmicas, com a finalidade de analisá-las criticamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A categoria **1) A experiência vivida: significados e paradoxos do uso de drogas nas ruas**, revela a complexa e ambivalente relação dos indivíduos em situação de rua com as

substâncias psicoativas. A vivência do uso de substâncias psicoativas (SPA) nas ruas é atravessada por um fenômeno de comunicação paradoxal, onde a droga assume simultaneamente funções de aliada e inimiga. De um lado, a droga é personificada como uma entidade destruidora, ancorada no imaginário da morte, da delinquência e do descarte social (Quintão, 2017). De outro, esse mesmo consumo é ressignificado no contexto hostil das ruas como uma ferramenta de prazer, alívio e sobrevivência, como um lenitivo para a solidão e a angústia (Quintão, 2017; Campos, 2018). Essa ambivalência não é apenas um traço individual, mas reflete RS que organizam o cotidiano dos sujeitos, permitindo aos usuários negociarem sua existência em um território de perdas sucessivas.

Na categoria **2) O olhar público: mídia, estigma e representações sociais** reunimos registros referentes à construção de RS sobre a PSR pela mídia e a sociedade. A mídia desempenha um papel fundamental na construção da realidade social, filtrando e selecionando o que deve ser visto e como deve ser interpretado pelo público. No caso da PSR, essa construção é frequentemente pautada por estereótipos que reforçam a exclusão (Oliveira; Feitosa, 2016; Ferreira, Alves, 2015), como a imagem de indivíduos violentos e perigosos e da drogadição como uma característica constante dessa população e enquanto um fator explicativo das violências urbanas (Ferreira; Alves, 2015). Nesse sentido, o jornalismo, muitas vezes, silencia as vozes desses sujeitos e foca em aspectos excepcionais, especialmente aqueles relacionados à violência, transformando-os em personagens de uma narrativa de insegurança (Oliveira; Feitosa, 2016).

Por fim, a categoria **3) O contexto político e institucional: a memória do Estado e a representação do cuidado**, demonstra como a construção estatal da questão das drogas no Brasil é historicamente pautada por uma racionalidade que privilegia o controle e a exclusão social em detrimento do cuidado em liberdade. Moura (2024) argumenta que o Estado conformou suas respostas por meio do proibicionismo, intervindo de forma superficial e pouco dialogando com a perspectiva dos direitos. Desse lado, Ferreira (2023) observa que o estigma associado às pessoas em situação de rua atravessa o imaginário dos agentes públicos, criando barreiras subjetivas que dificultam sua inclusão nos serviços de assistência e saúde. Esse processo reforça a percepção de que o Estado não se dirige a esses sujeitos enquanto destinatários plenos de direitos.

CONCLUSÕES

Conforme observamos, a ambivalência das RS relacionadas ao uso de drogas pela PSR, na qual aparecem simultaneamente como fonte de sofrimento e recurso de sobrevivência e pertencimento, evidencia que o consumo de drogas por esse grupo não pode ser compreendido apenas como dependência química ou desvio moral, mas como prática social situada em contextos extremos de vulnerabilidade. Nesse sentido, as memórias individuais e coletivas dos sujeitos, constituídas a partir de experiências de abandono, violência, humilhação e invisibilidade, influenciam diretamente os significados atribuídos às drogas e às relações estabelecidas com a sociedade e com o Estado, contribuindo significativamente para a manutenção do estigma direcionado à PSR. A associação recorrente entre drogas, criminalidade e desordem urbana reforça práticas de exclusão e legitima políticas de controle e higienização social. Nesse processo, o sujeito em situação de rua deixa de ser reconhecido em sua humanidade e passa a ocupar simbolicamente o lugar do "perigoso", do "indesejável" ou do "incapaz", dificultando o acesso a direitos básicos e aprofundando processos de sofrimento.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Lorena Cardoso Mangabeira. **Pessoas em situação de rua e suas representações sobre drogas**. Orientadora: Jeane Freitas de Oliveira. 2018. 99 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

FERREIRA, Fernanda Vasques; ALVES, Maira. Representações sociais dos moradores de rua no jornal Correio Braziliense: exclusão, dessemelhança e violência. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v. 9, n. 3, p. 35-56, 2015.

FERREIRA, Maria do Rosário da Costa. **Percursos e percalços na atenção à saúde de população em situação de rua e uso de drogas**. Orientador: Renan Vieira de Santana Rocha. 2023. 85 f. Dissertação (Magíster en Estado, Gobierno y Políticas Públicas) – Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais; Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2023.

FERREIRA, Raul Carvalho Nin. **"Drogadição", tratamentos e punições**: as internações psiquiátricas forçadas de usuários de drogas no Brasil. Orientador: Sérgio Salomão Shecaira, 2021. 423 f. Dissertação (Mestrado em Direito Penal, Medicina Forense e Criminologia). Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

JODELET, Denise. **Representações sociais**: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). As representações sociais. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p. 17-44.

MARQUES, Lorena Silva; COSTA, José Hermógenes Moura da; GOMES, Marla Marcelino; SILVA, M. M. Saberes, territórios e uso de drogas: modos de vida na rua e reinvenção do cuidado. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 1, p. 123-132, 2022.

MOURA, Heline Caroline Eloi. **A política de saúde mental e a política sobre drogas nos anos de 2001 a 2023**: violações e garantias de direitos a partir da realidade alagoana. Orientadora: Rosa Lúcia Prédes Trindade. 2024. 256 f. Tese (Doutorado em Serviço Social). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2024.

OLIVEIRA, Francisco José; FEITOSA, Maria Zelfa de Souza. Representações sociais e população em situação de rua: a visibilidade construída pela mídia. **Revista FSA**, Teresina, v. 13, n. 2, p. 226-243, mar./abr. 2016.

QUINTÃO, Ingrid Pereira. **Representações sociais do crack por usuários em situação de rua**. Orientador: Vicente de Paula Faleiros. 2017. 89 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2017.

MATTOS, Ricardo Mendes; FERREIRA, Ricardo Franklin. Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua. **Psicologia & Sociedade**, v. 16, n. 2, p. 47-58, 2004.